

# Falsificação acende alerta para comércio exterior

## Apreensões ligadas à Copa do Mundo impactam em custos operacionais

Da Redação

A apreensão de mais de 230 mil produtos falsificados relacionados à Copa do Mundo em Hong Kong trouxe à tona um problema recorrente que ganha força durante grandes eventos esportivos: o crescimento do mercado ilegal de mercadorias. Entre os itens confiscados pelas autoridades estavam cerca de 30 mil camisas de seleções nacionais, além de brinquedos, acessórios e produtos licenciados que seriam destinados a diversos mercados internacionais.

A falsificação de produtos costuma acompanhar eventos de grande apelo popular, mas especialistas alertam que os impactos vão muito além das perdas sofridas por marcas e detentores de direitos de imagem. O avanço desse tipo de atividade também afeta diretamente o comércio exterior, a logística internacional e a segurança das cadeias globais de suprimentos.

Segundo dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o comércio global de produtos falsificados movimenta cerca de US\$ 467 bilhões por ano, o equivalente a aproximadamente 2,3% de todo o comércio mundial. Em períodos de grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo e Olimpíadas, as autoridades costumam registrar aumento significativo nas apreensões devido ao crescimento da demanda por produtos temáticos.

Para Igor Cazeiro, diretor comercial da Logical - Logística Internacional, o problema gera consequências que muitas vezes passam despercebidas pelo mercado.

“A falsificação não prejudica apenas as marcas. Ela cria um ambiente de maior desconfiança nas operações internacionais. Quando os órgãos de fiscalização identificam um aumento na circulação de produtos ilegais,



*Especialista avalia que avanço da pirataria gera impactos logísticos, aumenta custos operacionais e pressiona cadeias globais de suprimentos*

naturalmente intensificam inspeções, ampliam controles e tornam os processos mais rigorosos. Isso impacta toda a cadeia logística, inclusive empresas que atuam de forma regular”, explica.

De acordo com o executivo, o aumento da fiscalização pode gerar atrasos em desembaraços aduaneiros, retenções de cargas, elevação de custos operacionais e maior pressão sobre importadores e exportadores.

“O comércio exterior depende de previsibilidade. Quando o mercado ilegal cresce, a previsibilidade diminui. Empresas passam a enfrentar mais verificações,

exigências documentais e processos de rastreamento, o que afeta prazos e custos logísticos”, afirma.

Outro fator que preocupa o setor é a crescente sofisticação dos produtos falsificados. Em muitos casos, as mercadorias apresentam aparência muito semelhante aos itens originais, dificultando a identificação por consumidores e até por alguns agentes da cadeia comercial.

Para Cazeiro, esse cenário reforça a importância da rastreabilidade e da escolha criteriosa de parceiros logísticos e fornecedores internacionais.

“Hoje, compliance, trans-

parência e rastreabilidade deixaram de ser diferenciais. São requisitos básicos para empresas que desejam atuar de forma segura no mercado global. Quanto mais complexa se torna a cadeia internacional, mais importante é ter controle sobre a origem dos produtos e sobre cada etapa da operação”, destaca.

Com a Copa do Mundo movimentando bilhões de dólares em vendas de produtos licenciados ao redor do planeta, especialistas avaliam que o combate à pirataria continuará sendo um dos principais desafios para governos, marcas e operadores logísticos nos próximos meses.

# Fabricação de alimentícios gerou mais emprego

Da Redação

A atividade de fabricação de produtos alimentícios foi a que mais empregou no Brasil em 2024, atingindo 2,1 milhões de pessoas. O total de pessoal ocupado ficou em 8,7 milhões. A ênfase é para as indústrias de transformação, que concentraram 97,1% do total.

Entre as atividades, destacam-se também a confecção de artigos de vestuário e acessórios (551,8 mil), a fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (517,1 mil) e a fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (491,9 mil).

Naquele ano, o mercado de trabalho no país tinha 8,7 milhões de pessoas empregadas em 358,4 mil empresas industriais. Em salários, retiradas e outras remunerações

esse contingente recebeu R\$ 481,1 bilhões.

Os dados fazem parte da Pesquisa Industrial Anual: Empresa e Produto (2024), divulgada nesta quarta-feira (24) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ainda em 2024, a receita bruta total dessas empresas atingiu R\$ 8,8 trilhões, sendo a maior parte, R\$ 7,4 trilhões, obtidos com a venda de produtos e serviços industriais, R\$ 695,9 bilhões em revenda e serviços não industriais e as demais receitas somando R\$ 706,0 bilhões.

A receita líquida de vendas (RLV), calculada a partir da receita bruta com a dedução dos impostos sobre vendas, das vendas canceladas e dos descontos incondicionais, alcançou R\$ 6,8 trilhões.



Dados de 2024 fazem parte da Pesquisa Industrial Anual: Empresa e Produto

As empresas tiveram ainda R\$ 2,6 trilhões em Valor de Transformação Industrial (VTI). Desse total, 88,8% tiveram origem nas indústrias de

transformação.

Conforme o IBGE, o VTI é a variável obtida pela diferença entre o valor bruto da produção industrial e os custos das

operações.

“Representa a riqueza efetivamente gerada pela atividade industrial”, disse o gerente de Análise e Disseminação da pesquisa, Marcelo Miranda, em entrevista à Agência Brasil.

As indústrias de transformação representaram 92,9% da receita líquida de vendas da indústria nacional em 2024. Os destaques foram as atividades de fabricação de produtos alimentícios que tiveram 23,0% do total da RLV. Na sequência estão a fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis, com 10,1%, da fabricação de produtos químicos, 9,2%, da fabricação de veículos automotores, reboques e carroceria, que tiveram 8,9%, e de metalurgia, que somou 6,4%.